

O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DA LITERATURA DE CORDEL¹

Ducélia Pereira dos Aflitos (UERR)

ducinha_21@hotmail.com

Therezinha de Jesus Bispo da Silva Santos (UFAC)

therezinhasantos@oi.com.br

Maria Ivone Alves da Silva (UFAC)

natascyamelo@yahoo.com.br

1. Introdução

A proposta artigo é buscar analisar através da literatura de cordel o estudo sobre os aspectos linguísticos apresentados nesta obra sobre a diversidade da linguagem abordada no discurso que divertiu, encantou e foi repudiado por alguns poetas e leitores; objetivando oferecer ao discente aproximar-se da cultura, da literatura e conhecer exemplos de diferentes formas de expressões que utilizam o povo do norte e nordeste do nosso país quanto à tonicidade e o significado das palavras nas relações sociais cotidianas.

2. O estudo da variação linguística a partir da literatura de cordel

A literatura de cordel é um tipo de poesia popular, que pode ser lida de forma cantada, apresenta marcas principalmente da linguagem do norte e nordeste do Brasil onde são bastante produzidos e divulgados; tem como características as figuras ilustrativas (xilografias) que representam personagens, lugares ou momentos dos textos, sendo este dividido por quadras e rimas.

¹ Artigo produzido a partir da prática desenvolvida numa escola estadual do ensino médio da cidade de Boa Vista - RR 2011.1

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Apesar de ser uma literatura aflorada na cultura brasileira, sua origem é portuguesa, eram textos poéticos que por muitas vezes apresentavam cunho social e político, colocados para venda à população, sendo amarrado por cordas, daí vem o nome cordel.

Trazer ao aluno a oportunidade de conhecer a literatura de cordel como uma proposta para o estudo da variação linguística é um desafio, pois como se tem entre estes, o ato de ler é tido como algo obrigatório, por esta razão é desenvolvida na maioria das ocasiões com o objetivo de responder as atividades; a primeira reflexão que deve ser proposta aos discentes é que a leitura é um meio que existe de ampliar os conhecimentos, que contribui para a formação do indivíduo e é capaz de nos transportar para lugares diversos através do prazer dos caminhos que enveredam as letras, neste sentido deve ser realizada sem o sentimento de obrigatoriedade, e, sim de liberdade, livre para sentir e interpretar os textos trabalhados dentro e fora da sala de aula.

A Linguística Aplicada tem como objeto de estudo o uso da linguagem, Lopes (2006) refere-se que a linguagem está em movimento, comparando-a ao curso do rio e as transformações apresentadas pelos indivíduos, “É impossível banhar-nos nas águas do mesmo rio duas vezes, porque o rio, e também nós, já não somos os mesmos”, para podermos estudar o uso da linguagem Lopes afirma que deve ser analisado alguns aspectos nas investigações destes estudos como, por exemplo, a sociologia, cultura e história do povo que a utiliza.

As regiões do norte e nordeste do Brasil apresentam menor índice de desenvolvimento urbano e comercial em comparação com as demais regiões do país, sofrem com a falta de saneamento básico, como água, esgoto, falta de moradia, empregos e recursos que favoreçam a permanência dos estudantes nas escolas, entre outras necessidades igualmente importantes (...), mas não se pode deixar de citar que são brasileiros corajosos, que lutam contra as adversidades e os desafios que a vida lhes apresenta.

A literatura de cordel é uma proposta interdisciplinar para o estudo da variação linguística, mostra através da arte uma maneira de refletirmos sobre a linguagem que apresentamos sobre quem somos, os costumes e os povos que compõem o cenário nordestino.

A questão é que muitos indivíduos apresentam preconceito sobre alguns falares, enquanto o falar do sul e sudeste do Brasil é exaltado (valorizado) o falar do norte e nordeste é tido como um jeito errado e/ou in-

ferior de expressão; quando na realidade independentemente da região o importante é se comunicar e fazer-se entendido.

Para compreender o objetivo deste trabalho, faz-se necessário fazer uma abordagem sobre o que é a linguagem, língua e fala, qual conceito que estes fenômenos possuem para poder introduzi-los sobre a perspectiva literária, neste sentido, poético. “Está implícito (...) o reconhecimento das línguas naturais, notadamente diversas, são manifestações de algo mais geral, a linguagem, no inglês este termo tem dois conceitos língua e linguagem”, afirma (PETTER, 2008, p. 13).

Contudo são importantes que seja distinguido estas duas noções: língua – linguagem; Ferdinand Saussure (1969) refere-se à linguagem como “heteróclita e multifacetada”, por abranger vários domínios, como a física, fisiológica e psíquica, pertencente ao domínio individual e social, possuindo em sua concepção e produção a complexidade e diversidade que permeiam outras áreas da ciência como psicologia, a antropologia etc.

De acordo com Saussure (1969, *apud* PETTER, 2006) refere-se que a língua é composta por um sistema de signos, este sistema é formado por um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. Estas unidades podem ser modificadas pelos falantes, isto obedece à lei do contrato social firmada pelos indivíduos formadores da comunidade, O conjunto língua-linguagem ainda contém outro elemento: a fala, esta é desenvolvida individualmente, resultante das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua.

Em meados do séc. XX Noam Chomsky contribuiu com seus estudos sobre a linguagem definindo-a “Doravante considere uma linguagem como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”. Sendo assim Chomsky foi muito além das línguas naturais, pois como defende, as línguas naturais falada ou escrita possui uma infinidade de sons e um finito conjunto gráfico que a representam (escrita). Em suma, de acordo com Chomsky (*apud* PETTER, 2008, p. 15) “a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana”.

Sobre a perspectiva dos estudos linguísticos pode-se concluir que a linguagem varia e isto depende dos membros da comunidade que esta é utilizada, neste sentido entende-se que de acordo com o local e com as interferências da população (naturais e/ou emigrantes) e dos costumes

destes povos que residem em um mesmo espaço geográfico, a linguagem poderá variar entre estes; formando assim uma linguagem própria e rica. A literatura de cordel pode ser considerada como um “celeiro” de diferentes dizeres, por apresentar diversidade e complexidade em sua formação linguística. Vejamos o cordel produzido pelo baiano Franklin Maxado, um dos poetas mais conceituados do Brasil:

2.1. “Kosmo, o Sobrevivente do Paraíso Atlântico”

Kem já não ouviu falar
Dum kontinente perdido
Kom uma sivilização
Ke desenvolveu o sentido
De conversar kom estrelas
Em um tempo indefinido.

Nesse mundo tinha tudo
Energia não faltava
Akumulada dos astros
Por aparelhos ke filtrava
Os raios para toda terra
Onde seu povo abitava

E o término:
M- e despeso de vosês
A- xando ke fis um bem
x- amando sua sinsera
a- tensão pro ke konvem
d- o kordel astral eu kero
o- ke vosê ker também.

Franklin buscou expor em seu cordel a forma que a população se expressa no cotidiano, entretanto “este poema se destaca entre todos os que já escreveu por conta que sua proposta era tratar sobre a nova ortografia da língua portuguesa, por esta razão foi tão comentada e combatida por muitos”, Luyten (1987, p. 61), buscava explicar sobre como se dá a interação dos membros falantes em relação a norma padronizada da comunicação.

O presente artigo foi produzido a partir de uma aula no período do estágio supervisionado no ensino médio, realizado no mês de setembro de 2009, pela Universidade Estadual de Roraima.

O cordel “Kosmo, o Sobrevivente do Paraíso Atlântico” foi apresentado em duas turmas dos 2º ano do ensino médio, de uma escola esta-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dual, situado na zona oeste da cidade de Boa Vista – RR foi proposto aos alunos a leitura do texto e depois um debate a partir da concepção do que foi interpretado.

1º momento: realização da leitura

Os alunos ficaram assustados com tantos erros de ortografia.

2º momento: debate sobre o texto

Os alunos reconheceram suas falas (tom e significado) no texto.

3º momento reflexão sobre o porquê do uso destas palavras no texto.

Os alunos separaram o que se fala com o que se escreve.

Diante da realização da leitura, foi explicado aos discentes que a escrita é composta por regras e exceções, uma das regras é ser realizada de acordo com as normas da gramática; pois esta escrita coesa e coerente fundamentada na ortografia vigente da língua portuguesa é a exigida em concursos, vestibulares e nas interações sociais. Deste modo foi lhes apresentados uma versão de acordo com as exigências da norma culta da língua portuguesa.

2.2. “Cosmo, o sobrevivente do paraíso atlântico”

Quem já não ouviu falar
De um continente perdido
Com uma civilização
Que desenvolveu o sentido
De conversar com estrelas
Em um tempo definido.

Nesse mundo tinha tudo
Energia não faltava
Acumulada dos astros
Por aparelhos que filtrava
Os raios para toda a terra
Onde seu povo habitava

E o término:
M – e despeço de vocês
a- chando que fiz um bem
x – amando sua sincera
a- tenção para o que convém

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

d- o cordel astral eu quero
o- que você quer também.

Os alunos compararam as produções textuais apresentadas: o cordel original e o que foi transcrito segundo as normas da ortografia, mediante reflexão observou-se que a sociedade obedece ao acordo feito para padronizar a língua, contudo a linguagem pode apresentar variações na sua estruturação, neste sentido os diferentes falares são resultados nas especificidades de cada região, ou seja, há a diversidade na forma de nos expressar. Para entender tais formas de expressões é importante que seja observado *como* e *em que* condições os indivíduos concebem a aprendizagem, logo as palavras utilizadas nos discursos são resultados da realidade em que estão inseridos.

Foi solicitado aos discentes que produzissem um cordel sobre sua realidade, utilizando palavras que reproduzissem o tom e o significado com qual teve contato e vivência, o texto selecionado para ser exposto neste artigo foi este:

2.3. A fomi

A fomi dói
A fomi dói no corpo e na auma
A consciência e pas tudo nos fauta
E na fomi tudo se destrói

Fauta o arros
Fauta o feijão
Fauta tudo na panela
Só não fauta a dor no meu corasão

As lágrimas surgem facilmente
Num constante lamento
Precisu de um copo d'água
E também de um pouco de alimento

eso a vossa senhoria um mínimo de
tensão, veja o sofrimento de
u- m menino, com fomi e com a
l- lusão, que trocaria tudo
o- que tem, por um pedaso de pão.

O referente texto foi lido e debatido dentro da sala de aula, o tema e os usos das palavras que fizeram parte do discurso foram analisados; neste sentido foi concebido que o meio e as relações sociais dos indivíduos interferem na escrita e na oralidade dos estudantes; que de acordo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

com as regiões e os habitantes que formam a sociedade alguns fatores colaboram para compor nossa linguagem, que esta varia e se transforma como as águas do rio e como nós mesmos, como afirmou Lopes anteriormente.

A produção textual foi reescrita de acordo com as exigências das normas gramaticais pelo aluno, sendo apresentada aos demais estudantes em sala de aula.

2.4. A fome

A fome dói
A fome dói no corpo e na alma
A consciência e paz tudo nos falta
E na fome tudo se destrói

Falta o arroz
Falta o feijão
Falta tudo na panela
Só não falta a dor no meu coração

As lágrimas surgem facilmente
Num constante lamento
Preciso de um copo de água
E também de um pouco de alimento

Peço a vossa senhoria um mínimo de
a – tenção, veja o sofrimento de
u- m menino, com fome e com a
l- lusão, que trocaria tudo
o- que tem, por um pedaço de pão.

3. Considerações finais

O cordel de Franklin Maxado foi recebido pelos alunos no primeiro momento como um texto totalmente errado, pois as palavras utilizadas para construí-lo não estavam escritas de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa, o espanto se deu também por conta que uma professora formanda em letras e ciente das normas da escrita deste idioma ter apresentado uma produção artística completamente equivocada em sua composição.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ao ser indagada de o porquê do uso deste cordel na aula, duas perguntas foram realizadas para os alunos em contrapartida “Quantos dedos vocês possuem em cada mão?” e “Todos os dedos são iguais?”.

E olhando seus dedos o rapaz que cedeu seu cordel “A fomi” para este artigo respondeu: “Não professora, todos os dedos são diferentes um dos outros”. Num tom de simplicidade respondi “Os seres humanos são como os dedos, diferentes na alma e no coração, a linguagem que utilizamos no cotidiano é o reflexo do que somos e das nossas histórias de vida”.

Entretanto o papel do presente artigo foi expor que existem regras e normas para a realização da comunicação, que estas normas são determinadas para que haja um padrão único da língua, contudo objetiva abrir um espaço para mostrar importância de os alunos compreenderem que existe a variação linguística e ela se desenvolve de forma natural e espontânea no meio social ao qual fazemos parte. O foco da reflexão foi a linguagem do povo do norte e nordeste do Brasil, no intuito de valorizar a cultura e as expressões que fazem parte da realidade de nossa gente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, Luiz Paula da Mota. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular?* 4. ed. Brasiliense, 1987.